

AS MUITAS FACES DAS PALAVRAS NA LÍNGUA INGLESA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DIACRÔNICA E DIATÓPICA

THE MANY FACES OF WORDS IN THE ENGLISH LANGUAGE: DIACHRONIC AND DIATOPIC LANGUAGE VARIATION

Mikaylson Rocha da Silva

Graduando do Curso em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

E-mail: mikaylson_rocha@hotmail.com

Michael Harold Smith

Professor do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar os muitos tipos de inglês, bem como a sua variação linguística em tipos, na qual chamamos de variação "diatópica"; a composição dessas variações, como elas ocorrem e o porquê desses fenômenos. Ademais, irei observar e explicar como ocorrem essas mudanças de variações e como elas influenciam na semântica, na estrutura morfológica e na sintaxe das palavras. Os tipos de variações linguísticas que irei vislumbrar aqui neste artigo, serão: Variação linguística diatópica na língua inglesa (variação dos tipos e níveis de linguagem) e a variação linguística diacrônica na língua inglesa (variação da semântica das palavras).

Palavras-chave: Variações Linguísticas. Diacronia e Diatopia. Língua Inglesa.

ABSTRACT

This article aims to analyze the many types of English, as well as its linguistic variation in types, which we call variation "diatopic"; The composition of these variations, as they occur and why these phenomena. Furthermore, I will observe and explain how these changes occur in the semantics of variations in morphological structure and syntax. The kinds of linguistic variations that I will envision here in this article shall be: diatopic linguistic variation in English (change of types and levels of language) and diachronic linguistic variation in English (change the semantics of words).

Key-words: Linguistic Variation. Diatopic and Diachrony. English Language.

1 INTRODUÇÃO:

Neste artigo busco analisar como os níveis e tipos de linguagens são construídos na língua inglesa. Bem como dando ênfase aos processos de variações linguísticas: diacronia e diatopia. Ademais, torna-se necessário não somente observar e explicar como essas mudanças ocorrem, mas como essas variações linguísticas influem nas variações da semântica, da estrutura morfológica e da sintaxe das palavras.

Estudar os níveis e as variações linguísticas é nada mais do que nos aprofundarmos numa eterna cultura histórica da comunicação escrita e falada. A maioria das estimativas, o idioma Inglês inclui cerca de um milhão de palavras, mas os falantes nativos usam regularmente apenas cerca de 5.000 palavras. E eles nem sempre são os que fazem o uso correto delas. Como todas as línguas, o Inglês está em constante mudança, novas palavras são adicionadas, palavras antigas são eliminadas, e combinações de palavras são formadas a todo tempo.

Para muitos, os processos de variações linguísticas são comuns, normais, pois a linguística é parte da cultura, e como cultura, a linguística também é vida. Ela nasce, cresce, se modifica, se adapta ao cotidiano e muitas vezes entra em desuso. Para muitos linguísticos, em especial, Ronald Suffield, as palavras mudam de sentido e, conseqüentemente, se dividem em tipos, pois há um processo interno na natureza de cada palavra chamado de "*amelioration*", na qual o significado de uma palavra melhora ou se torna elevado, chegando a representar algo mais favorável do que originalmente se referia. Esse processo "natural" guia a palavra à sua maturidade semântica e, às vezes, à sua forma morfológica evoluída.

A grande discussão sobre esses processos que confinam os significados e as estruturas das palavras é a seguinte pergunta: Porque formamos palavras? A partir dessa indagação é que podemos entender a complexidade linguística do que chamamos por "palavras" e como essas palavras se transformarão na linguagem futura. Para muitos linguísticos, como para a autora Margarida Basílio, formamos palavras pelas seguintes necessidades: Pela utilização da ideia de uma palavra em uma ou outra classe gramatical; Pela necessidade de um acréscimo semântico numa significação lexical básica.

Grosso modo, também formamos palavras e as palavras mudam de sentido, pela necessidade de nomear as coisas como elas são e como esteticamente elas deveriam ser chamadas linguisticamente. Por fim, o objetivo geral do meu artigo é questionar como são construídas as variações linguísticas de tipos e significados na língua inglesa. Também busco analisar como essas variações linguísticas podem influenciar diretamente nas formas de escrever e falar.

2 A FORMAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA.

Para que possamos entender a evolução das estruturas e dos sentidos das palavras na língua inglesa, devemos utilizar da história como artefato. Pois, cada palavra que usamos hoje em dia tem um processo histórico incrível e diferente das demais. De acordo com os autores Crane, Yeager e Whitman, na obra *An Introduction to Linguistics*, a história da língua inglesa se inicia com os Celtas, que se originaram, inicialmente de populações que habitavam a Europa na Idade do Bronze (700 A.C), e também pelas regiões hoje conhecidas como Espanha, França, Alemanha e Inglaterra.

O idioma Celta chegou a ser o principal grupo de línguas na Europa, e se espalhou em direção ao norte e sul. Após a dominação Celta, os Romanos nos séculos 55 a 54 a.C habitaram e colonizaram algumas áreas celtas. Para Albert Baugh, a presença dos romanos, um povo com um poder bélico muito maior do que o dos celtas, contribuiu para o fracasso dos Celtas e tornando-os vulneráveis e dependentes de outras tribos germânicas (Jutes, Saxons e Frisians). Para Baugh, a história nos mostra claramente quais tipos de inglês nós temos hoje. Somos o reflexo construído historicamente do que fizemos.

Os diversos dialetos germânicos falados pelos Anglo-Saxões é que vão dar origem ao Inglês. Podemos, a partir desse evento, dividir a História da Língua Inglesa em três grandes períodos: *Old English*, *Middle* e *Modern English*. O *Old English* é o período da língua inglesa do século V, quando as terras da Inglaterra foram invadidas por tribos germânicas – Anglo-Saxões e Jutes. O dialeto anglo-saxão incorpora-se aos demais sob domínio colonizador e o vocabulário inglês vai sendo fortemente influenciado ao longo do tempo. A introdução do cristianismo corroborou na influência das primeiras ondas de palavras do latim e do grego na a língua inglesa. Mais tarde fora influenciada pelos invasores escandinavos que falavam o *Old Norse*, que, provavelmente, assemelhava-se ao dialeto falado pelos povos anglo-saxões.

O período *Old English* terminou com a invasão dos Normandos, quando o inglês foi influenciado por um número maior de falantes que usavam o Norman Dialeto. O *Old English* não era uma língua uniforme, pois era preservada por inscrições *runics* nas traduções bíblicas complexas e fragmentos diversos. Ademais, a diferença entre o *Old* e o *Modern English* está na forma escrita, na pronúncia, no vocabulário e na gramática. De acordo com Baugh (1981), qualquer pessoa que não tenha uma especialização voltada ao *Old English* é incapaz de compreender qualquer texto da época. Por exemplo, a palavra *stān* corresponde a *stone* no inglês atual. No entanto, a maior diferença entre esses dois períodos está na gramática,

especificamente, no campo sintático e no campo analítico. Esse período finda com a batalha de Hastings, em 1066, onde o rei William – o conquistador – derrotou o exército dos anglosaxões e impôs suas leis seu sistema de governo e sua língua – a francesa. A partir desse evento se estabelece o segundo o período – o *Middle English*.

O segundo período da formação de uma nova língua inglesa está mais uma vez relacionado à forma de colonização. O *Middle English* compreende o inglês medieval, e o elemento mais importante desse período foi, sem dúvida, a presença e influência da língua francesa na língua inglesa. Essa eminente transfusão de cultura franco-normanda na nação anglo-saxônica durou três séculos, resultou principalmente, num conjunto considerável de um novo vocabulário. Isso mostra que, por mais forte que possa ser a influência de uma língua sobre outra, essa influência, normalmente, não vai além de um enriquecimento de vocabulário, dificilmente afetando a pronúncia ou estrutura gramatical.

Com o passar dos séculos e as disputas que acabaram ocorrendo entre os normandos das ilhas britânicas e os habitantes do continente, provocam o surgimento de um sentimento "nacionalista", ou apenas um desejo de consolidação político-linguística. No final do século XV, o inglês já havia se consolidado enquanto língua escrita e, também na linguagem. E também já havia substituído o francês e o latim como língua oficial para documentos. A influência da língua francesa foi tão grande, que até hoje usamos palavras do francês na língua inglesa. Veja os exemplos:

Anglo-Saxão	Francês	Anglo-Saxão	Francês
Answer	Respond	Come	Arrive
Begin	Commence	End	Finish
Clothe	Dress	House	Mansion

Além da influência do francês sobre seu vocabulário, o *Middle English* se caracterizou, também, pela gradual perda de declinações, pela neutralização e perda de vogais tônicas em final de palavra e pelo início da *Great Vowel Shift*, que se caracteriza pela acentuada mudança na pronúncia das vogais do inglês, inclusive os ditongos sofreram alterações e certas consoantes deixaram de ser pronunciadas. Esse período traz uma onda de inovações no inglês, que foi denominada *Modern English*.

O *Modern English* se estende do século XVI à atualidade. Na primeira parte desse período aconteceu uma revolução complexa da fonologia do inglês. Enquanto o *Middle English* se caracterizou por uma acentuada diversidade de dialetos, o *Modern English* representa um período de padronização e unificação da língua, porém sem uma pronúncia

única ou uniforme, pois as pronúncias, as expressões e as formas de comunicação variam de lugar a lugar, de grupos sociais para grupos sociais. Essas mudanças continuaram durante o período representado numa típica fonologia do inglês moderno. Mas, se as mudanças ocorridas na pronúncia não foram acompanhadas de reformas ortográficas, isso se revela em um caráter conservador da cultura inglesa.

O advento da imprensa em 1475 e a criação de um sistema postal em 1516 possibilitaram a disseminação do dialeto de Londres. Mais tarde, em contato com outras culturas e dialetos, a língua inglesa se desenvolve em muitas áreas onde os ingleses haviam colonizado, fazendo, assim, pequenas e interessantes contribuições para o vocabulário do inglês, como por exemplo, os nomes dos dias da semana no inglês moderno que vieram dos nomes dos principais deuses anglo-saxões: Thursday (dia de Thor – o deus do trovão), Friday (dia de Frey – deusa da fertilidade). Esse nome vem da palavra escandinava Frigedaeg; e Sunday (o dia do deus sol) e assim por diante.

Faz também parte do *Modern English*, as formas como os dicionários buscaram para padronizar a ortografia. Os primeiros trabalhos descrevendo a estrutura gramatical do inglês influenciaram o uso da língua, incorporando conceitos gramaticais das línguas latinas e trazendo uma uniformidade gramatical. Durante os séculos XVI e XVII ocorreu o surgimento e a incorporação definitiva do verbo auxiliar "Do" para frases interrogativas e negativas. E a partir do século XVIII passou a ser considerado incorreto o uso de dupla negação numa mesma frase como, por exemplo: *She didn't go neither; I can't do nothing*. Desde então, a ortografia do inglês mudou em apenas pequenos detalhes, enquanto que a sua pronúncia sofreu grandes transformações. O resultado disto é que hoje em dia temos um sistema ortográfico baseado na língua como ela era falada no século XVIII, sendo usado para representar a pronúncia da língua no século XX.

O *Modern English* compreende todas as formas organizacionais da morfologia e, que, conseqüentemente, influencia culturalmente a mudança semântica das palavras. É também no período *Modern English*, que temos a pura distinção entre os tipos de inglês falados: Americano, Britânico, e dentro do inglês Britânico, temos subtipos diferenciados (inglês escocês, irlandês e galês), não somente pelo sotaque, mas pelas culturas das palavras, das expressões e dos sentidos da comunicação. Nesse período contemporâneo da língua inglesa, também temos as influências de novas palavras tanto na forma usual, como na literatura. A exemplo disto, temos a forte influência do grandioso escritor literário inglês, William Shakespeare, que contribuiu fortemente, com mais de 1.600 palavras na formação original da língua inglesa.

3 DIACRONIA NA LÍNGUA INGLESA.

Estudar as variações linguísticas quer dizer estudar as raízes, a morfologia, a semântica das palavras, a forma como elas são nomeadas e conduzidas socialmente. Em outras palavras, o estudo das variações linguísticas está relacionado ao processo histórico da língua. A variação é o termo usado para se referir ao aparecimento de unidades lexicais em diferentes formas, e é um fenômeno que existe em todas as línguas. Aqui, em meu artigo, me atentarei a explicar um pouco sobre como acontece as variações linguísticas: Diacrônica e Diatópica na língua inglesa.

Quando falamos em processos de variações linguísticas diacrônicas, estamos tratando de processos de variações históricas e culturais dos sentidos e das estruturas de uma palavra. As palavras mudam, obviamente por inúmeros motivos, de sentidos e formas conforme o tempo. Esse processo de transformação semântico-morfológico chamamos de *variação linguística diacrônica*.

Como as variações diacrônicas ocorrem na língua inglesa? De diversas formas, algumas palavras mudam totalmente o significado e a sua estrutura morfológica permanece inalterável, como por exemplo: a palavra "*Awful*" há mais ou menos 300 anos representava um adjetivo com o significado de "*Awe plus full*", ou seja, qualificava algo ou alguém por ser "temível" "reverente" "cheio de temor". Historicamente a palavra "*awefull*" sofreu um processo de modificação morfológica chamada de *aglutinação*, ou seja, houve perda de fonema na estrutura linguística da palavra na forma original. Após um incêndio num prédio em Londres, a palavra "*Awful*", já modificada, recebeu um novo significado, o de "terrível" como hoje a usamos semanticamente.

Há milhares de exemplos na diacronia da língua inglesa que relatam casos de palavras que mudaram de significado ao longo do tempo, porém permanecendo inalteravelmente a sua estrutura morfológica. Outro caso típico dessa variação é a palavra "*Queen*" que significava "*Woman*", ou seja, qualquer mulher. Hoje, essa palavra tem a ver com "*Social Position*", ou seja, poucas mulheres têm o privilégio de serem chamadas de "*Queen*", como a palavra hoje se refere.

Observe no quadro abaixo outros exemplos de palavras que mudaram de semântica.

Word	Old Meaning
Craffy	Strong
Cunning	Knowing
Doctor	Teacher
Harlot	A Boy

Notorious	Famous
Affection	Emotion
Deer	Animal
Forest	Countryside
Girl	A Young Person
Starve	To die

A diacronia também relata casos de palavras que mudaram a sua estrutura morfológica, porém, o sentido inicial da palavra pouco ou nada mudou. A exemplo temos a palavra "Dazum", escrita no inglês antigo, e, que, após uma reforma na morfologia na era do *Modern English*, até hoje permanece com o mesmo sentido, porém, com uma estrutura morfológica diferente "Days", com variação de desinência nominal no plural "s". Acompanhe através da tabela abaixo a evolução de algumas palavras da língua inglesa no inglês antigo ao atual.

Old English	Modern English	Old English	Modern English
Bricg	Bridge	Cin	Chin
Scip	Ship	Yore	Your

Os processos de variações linguísticas na diacronia são inúmeros e sempre estão associados à história da palavra. Na diacronia, também podemos trabalhar casos de palavras que se referem à mesma coisa, possuem estruturas morfológicas diferentes e, também, outras semânticas na análise sintática.

I heard an American student at Cambridge University telling some English friends how he climbed over a locked gate to get into his college and tore his pants, and one of them asked, "But, how could you tear your pants and not your trousers?" (Norman Moss, ONLINE).

No excerto acima, as palavras "pants" e "trousers" possuem estruturas morfológicas diferentes, porém, com semântica equivalente "calças". Nesse caso, a diacronia revela que, mesmo que as variações ocorram em palavras diferentes morfológicamente, elas diacronizam em semântica quando se referem à mesma coisa, e com o mesmo sentido. Esse subtipo de variação não está atrelado especificamente à evolução histórica das palavras, mas como elas de alguma forma compartilham significados diferentes na evolução do uso da palavra no momento na frase.

Mudanças ocorrem quando o sentido de uma palavra se expande e contrai, com o foco final do significado diferente do original. Por alguma razão, palavras que descrevem roupas tendem a mudar significados com mais frequência do que outras palavras, talvez

porque as tendências da moda vêm e vão, deixando as palavras parecer tão antiquadas como a roupa que eles descrevem.

Também conhecida como extensão, a generalização é o uso de uma palavra em um amplo campo de significado do que possuía originalmente, muitas vezes referindo-se a todos os itens em uma classe, ao invés de um item específico. Generalização é um processo natural, especialmente em situações de "linguagem com pouco dinheiro", onde o falante tem um vocabulário limitado à sua disposição, seja porque ela é jovem e apenas aquisição da linguagem, ou porque ela não é fluente em uma segunda língua. No inglês antigo, a palavra "*stow*" representava certo lugar. Hoje, a palavra evoluiu para "*steady*", que significa algo "firme" "seguro". Percebe-se que a palavra evoluiu de um significado estratégico e não delimitado para um significado generalizado.

Na diacronia da linguística ainda conseguimos enxergar novas formas inovadoras de mudanças no morfema e na semântica da palavra. Ou seja, a palavra muda de classe gramatical, extensão e, conseqüentemente, o sentido inicial. Essa variação dá-se muitas vezes pela necessidade de nomeação de novas coisas, de atribuir funções, identidades, qualidades às coisas. A exemplo, temos as variações de verbos para substantivos, que no geral, em inglês acrescentamos "ER" ao verbo: *Work* - *Worker*. Essa variação atinge não só os verbos, mas todas as classes das palavras que, por necessidade de nomeação, criam regras de estruturas de transformação. A diacronia na linguística busca explicar como esses fenômenos de mudança de estrutura, significado e de gênero atingem à sua maturidade.

3.1 A DIATOPIA NA LÍNGUA INGLESA.

Outro tipo de variação linguística que busco explicar aqui neste artigo é a variação Diatópica. A diatopia é uma das variações linguísticas mais comuns, presente em qualquer língua. É percebida com maior força nos países com grande extensão territorial, e com uma unidade linguística não tão solidificada. A diatopia revela que qualquer língua possui tipos, subtipos, arranjos, combinações e extratos sociolinguísticos. Na língua inglesa, assim como em qualquer outra língua, a diatopia é marcante. Principalmente pelo fato da língua inglesa ter se tornado uma língua *franca*, ou seja, universalmente falada.

A diatopia da língua inglesa não só atinge nível internacional pelos fragmentos e formas como o inglês é falado, comunicado, escrito e ensinado em diversos países que falam inglês. Mas também podemos perceber que ela é presente até mesmo dentro de um Estado

unificado linguisticamente. Quais os tipos mais comuns de inglês? Temos duas grandes vertentes: O Norte-americano (que ainda é subdividido em um inglês estadunidense e o canadense); e o Britânico (que se divide em vários: escocês, irlandês, galês, inglês [da Inglaterra]). Há outros inúmeros tipos e variações de inglês pelo mundo. A variação diatópica não é apenas marcada pelas barreiras existentes entre Estados, mas também marcada por uma cultura regional solidificada e harmonizada, onde as pessoas se comunicam como elas se veem.

Por exemplo, no próprio Reino Unido, a coesão da unificação linguística do inglês não conseguiu evitar as tipificações entre os falantes nativos de cada país. Ou seja, o inglês falado na Inglaterra torna-se diferente em termos de expressões, ditos populares, gírias e níveis de linguagem entre as diversas regiões do país e entre os países que compõe o Reino Unido. Na Irlanda, por exemplo, há inúmeras curiosidades que giram em cerca da forma como eles falam e construíram aquele inglês. Por exemplo, os irlandeses não utilizam as palavras "yes" e "no" antes, durante e pós um enunciado. Se você perguntar a algum Irlandês: *Can you swim? or Do you like her?* eles te responderiam positivamente sem o uso do "yes" "I can" ou de forma negativa sem o uso do "no" "I can't". Outra grande diferença é, que, os Irlandeses usam a forma contracta do "am not" como "I amn't". Para eles, essa contracção é óbvia e obedece à regras sólidas de variação do inglês regional da Irlanda.

Se você for à Irlanda, você perceberá que existem outras grandes diferenças das formas tradicionais de se falar inglês. Por exemplo, estamos acostumados a relatar uma ação que aconteceu no passado e, entretanto, essa ação ainda permanece em vigência e em uso no presente. Chamamos essa ação verbal de *Present Perct.* Na Irlanda, a forma tradicional do *Present Perfect* se opõe à tradicional, não há o uso do "*have (auxiliar)+ verbo principal (no particípio passado)*", lá, eles conjugam dessa forma: "I'm after finding an Euro on the road" em vez de "I've found an Euro on the road", como em todos os países de inglês tradicional. Essa diatopia não sofre nenhuma diacronia de sentido, pois mesmo morfologicamente diferente, a semântica da ação verbal é a mesma como a da forma tradicional de se escrever.

A diacronia sempre representou um grande problema para a política de unificação linguística, pois, por mais que tentamos padronizar uma língua, ela historicamente se desacroniza morfologicamente ou semanticamente. Pois a língua constitui uma das espinhas dorsais da cultura, e como parte da cultura, a língua está sujeita à modificação contínua. Ainda sobre o estranho inglês Irlandês, podemos exemplificar outros casos de variações diatópicas em relação aos países que compõe o Reino Unido. Na Irlanda não se usa a

expressão "What's up?", "Wassup?" ou até mesmo "Sup?". Essas três formas de se escrever estão relacionadas à forma original, à forma vulgar e à forma abreviada da pronúncia. Porém, nenhuma dessas três formas é tradicional na Irlanda. Lá, a expressão referente à "What's up?" é "How's the Craic?" Essa atípica diferença está atrelada ao fato de que regionalmente a palavra "Craic" significa "novidade", daí o porquê da diferença linguística.

Em alguns países, a diatopia chega a ser tão agravante, que, linguisticamente falando, chega a romper com a etimologia e com a epistemologia da palavra original. Nesses casos, a variação diatópica constitui o que chamamos de "barbarismo", ou seja, uma adaptação de uma palavra estrangeira ao cotidiano externo. Por exemplo, em grande parte do Norte e Nordeste do Brasil, a palavra "Boy" ganha outras dimensões: Boy + zinho = Boyzinho (diminutivo de boy no português); Boy + zinha = Boyzinha (diminutivo de boy para garotas no português). Perceba que no último caso temos um barbarismo linguístico consequente da variação linguística diatópica regional do Brasil em detrimento do estrangeirismo "boy". Há inúmeros tipos de variações diatópicas nas formas de se falar e escrever o inglês. O inglês não é uma língua única, homogênea, pura, pronta ou estandardizada, mas uma língua heterogênea, difusa, analítica e estratificada em sua estrutura morfológica e em sua semântica.

Observe no quadro abaixo algumas variações nas escritas entre o Inglês Americano e o Inglês Britânico.

American English	British English
Analyze	Analyse
Catolog	Catalogue
Color	Colour
Aluminum	aluminium
Defense	Defence
Enroll	Enrol
Fufill	Fufil
Honor	Honour
Center	Centre

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

Em qualquer idioma, a estrutura linguística do morfema, da sintaxe e da semântica das palavras que o compõe, é sempre complexa e rodeada por mistérios. Por trás da etimologia de qualquer palavra, há sempre um processo histórico rico em construção, afim de atingir a sua maturidade enquanto estrutura e sentido. Neste artigo busquei vislumbrar um pouco acerca do porquê que as palavras mudam de formas, sentidos, identidades, combinações e arranjos, e como elas atingem a sua maturidade. Para Albert Baugh (1997), os

processos de variações linguísticas de Diacronia e de Diatopia obedecem a regras específicas do espaço, da região, da cultura e, principalmente, da história. As palavras mudam de sentido ou de forma conforme o surgimento de novas propagações de comunicação na sociedade. A mudança morfológica ou semântica é meramente sócio-histórica, o que torna a língua cada vez menos estandardizada. Para o autor, a variação é natural, pois a linguística faz parte da cultura, e como cultura, a língua nasce, cresce, amadurece, se adapta ao meio, e às vezes, entra em desuso.

Segundo a autora Margarida Basílio (1987), as variações diacrônicas e diatópicas são fenômenos linguísticos que devem ser vistos como formas evolutivas da linguagem. Esse processo de evolução guia a palavra ao seu clímax de desenvolvimento morfológico, sintático e semântico. A comunicação na forma da linguística é sempre complexa, sendo assim, a palavra também se torna sempre complexa, multifacetada e polissêmica. A palavra é o meio da comunicação mais sujeita à mudança, pois ela sempre ganha forma na boca do agente que a conduz. Ainda segundo a autora, o processo de melhoramento ou de evolução da palavra é sempre gradativo, e obedece a regras que regem a linguística local e tradicional. Para a autora, o processo evolutivo da palavra é chamado de "*amelioration*", na qual o significado de uma palavra melhora ou se torna elevado, chegando a representar algo mais favorável do que originalmente se referia. Às vezes, esse processo evolui apenas no sentido, e a morfologia da palavra permanece inalterada; às vezes o processo da variação linguística altera tanto o morfema como a semântica da palavra.

Para Basílio, as variações diacrônicas e diatópicas, além de constituírem processos naturais de qualquer língua e construídos ao longo dos seus processos históricos. Eles têm uma explicação bem apriorica sobre o porquê que formamos palavras. Em seu texto "Teoria Lexical", Basílio busca explicar o porquê que fazemos palavras. E para ela, fazemos palavras pelas seguintes razões: Pela utilização da ideia de uma palavra em uma ou outra classe gramatical; Pela necessidade de um acréscimo semântico numa significação lexical básica; e pela necessidade que temos em nomear as pessoas e coisas. Essas necessidades são atribuídas na linguística e na comunicação falada e escrita.

E qual a relação entre esses processos de criação de palavras e as variações linguísticas? Crane, Yeager e Whitman, na obra *An Introduction to Linguistics (1981)*, argumentam que assim que as palavras são formadas, reajustadas, adaptadas e postas em uso, a necessidade da comunicação oral e escrita traz à tona uma cadeia interdependente entre as palavras. E as formas como tais palavras são articuladas e escritas, geram outras necessidades inerentes a elas para nomear outras funções ou situações que elas mesmas criaram no ato da

linguagem da comunicação. Ou seja, as palavras são formadas por tais razões ou necessidades, e o uso dessas palavras gera certas funções, que de alguma forma implicam novas necessidades de criação ou reforma nas palavras.

Kramsh Claire (2003) ressalta que a linguística e as suas variações são um todo muito complexo. Pois, somos nós, que, durante a interlocução construímos um mundo linguístico da comunicação. O mundo da linguística é um mundo tecido pelos homens, por nós, enquanto agentes falantes. Falamos pela necessidade de se comunicar, e durante a comunicação encontramos barreiras, e é através dessas barreiras que precisamos aperfeiçoar o código da mensagem, ou seja, garantir a isonomia comunicativa plena entre os pólos interlocutores. Daí surge a necessidade de transformar a estrutura vigente, para que a língua torne-se mais clara, mais adaptável e muito mais comunicativa.

Para Nicholas Onuf (1987), o pai do construtivismo, as relações sociolinguísticas são baseadas em regras discursivas da comunicação. Tudo é construído pela comunicação, pelas redes de relações sociolinguísticas. Vivemos numa imensa rede, seja ela cultural, linguística, econômica ou política, o fato é que todas as relações que permeiam o âmbito social, são relações baseadas na comunicação da linguagem. Para ele, comunicar não é apenas um processo de articulações de voz, comunicação é o que move a história, a fala, o agir, o sentir, ou seja, as relações entre agentes e estruturas. Daí, criamos as interações e o mundo das nossas cognições e linguagens. As variações linguísticas não nascem do nada, do natural ou do normal. Elas nascem da co-construção entre agentes e estruturas pela necessidade de se comunicar e se relacionar com os diversos mundos a nossa volta.

E por fim, a teoria da variação linguística dialoga com a realidade tangível da língua: ela varia (socialmente) na comunicação e muda no tempo (historicamente) e no espaço (geograficamente). A variação é sincrônica quando vários elementos de variação co-ocorrem simultaneamente e disputam espaços na comunidade dos falantes. Pagotto (2004: 89)

A teoria da variação põe diante de nós a realidade tangível da língua: ela varia (socialmente) e muda no tempo (historicamente) e no espaço (geograficamente). A variação é sincrônica quando vários elementos de variação co-ocorrem simultaneamente no ato da comunicação. Essa discussão mostra como muitas pessoas vêem a mudança semântica com fortes emoções. Alguns, como Suffield (1887), podem até mesmo percebê-la como uma força quase diabólica. A discussão da mudança do significado é muitas vezes carregada de emoção, como os significados de "melhorar" o estatuto da língua ou piorar a diacronia dela. Ademais, torna-se impossível standardizar o que é de natureza cultural estratificada e tipificada na língua. A língua pode se standardizar pelas forças e pretensões políticas, mas sempre apresentará assimetrias no dorso de cada agente da construção linguística.

5 CONCLUSÃO.

Percebo que o tema aqui abordado em meu artigo é de total relevância científica, pois retrato as formas como o inglês era falado e como vem sendo falado através da linguagem oral e escrita ao longo do processo histórico da língua. Não é fácil remontar às raízes de uma língua, tampouco afirmar com tamanha certeza sobre os porquês que falávamos uma espécie de língua, e como chegamos à forma atual. Quero dizer, não é fácil entender a complexidade das inúmeras variações linguísticas.

Sempre há um grande e impetuoso mistério por trás das significações e das estruturas de qualquer palavra. Como já foi dito, o processo apriórico às variações linguísticas é sempre ressaltado como a necessidade em que temos em formar palavras, ou seja, um processo criado pela necessidade de se comunicar com as pessoas, as coisas, com os diversos mundos ao nosso redor.

Na linguística e na sociolinguística há sempre um grande debate acerca das reais razões pelas quais as palavras variam em formas e em significados. Muitos teóricos afirmam que as palavras variam conforme a necessidade da construção de uma nova comunicação; Outros afirmam que a necessidade de criar um novo léxico básico é muito mais coerente; há também aqueles que acreditam no acréscimo semântico da palavra em seu processo “natural” de evolução atingindo à sua maturidade linguística semântica e morfológica; e por fim, há teóricos que acreditam nas variações linguísticas como sendo formas construídas pela oralidade social, ou seja, as palavras mudam porque os agentes da construção tomam as palavras por outros sentidos devido às necessidades da comunicação e, principalmente, pelo fato de que a linguística faz parte da cultura, e como cultura, ela está sempre em um processo de construção. As variações linguísticas ocorrem heterogeneamente atingindo pequenas e grandes escalas, e principalmente adaptando-se ao contexto social atual.

REFERÊNCIAS

AMOS, Eduardo. & PRESCHER, Elisabeth. *Brasil and other stories*. São Paulo: Moderna, 1995 [Aquarius – Level 1]

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Hucitec, São Paulo, 1997.

BARTHES, Roland. Aula. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.

BASILIO, M. (1980) *Estruturas Lexicais*. Petrópolis: Vozes.

- _____. (1987) *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.
- _____. (1993b) *Produtividade, Função e Produção Lexical*. Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL II: 27-37. Campinas: UNICAMP.
- BAUGH, Albert. *A History of the English Language*, Oxford: University Press, 1997
- CLAIRE, Kramsh. *Language and Culture*, Oxford Univ. Press, 4 edição, 2003
- CRANE, L. Ben, Edward Yeager and Randal L. Whitman. *An Introduction to Linguistics Boston*: Little, Brown & Co, 1981.
- CRYSTAL, David. *The Cambridge Encyclopedic of the English Language*. Cambridge University Press, 2 edição, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Pontes, 2 edição, São Paulo, 2002.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, M. *The archeology of knowledge*. Tradução de A. M. Sheridan Smith. Nova Iorque: Pantheon Books, 1972.
- MACMAHON, April (1994). *Understanding language change*. Cambridge
- ONUF, Nicholas. 1987. *Rules in Moral Development*. Human Development. 30:257-67. World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations.
- ONUF, Nicholas. 1987. *Rules in Moral Development*. Human Development. 30:367-67. World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations.
- SCRAGG, D.G. (1974). *A history of English spelling*. Manchester: Manchester University Press;
- STRANG, Barbara (1970). *A history of English*. London: Methuen;
- STURTEVANT, E.H. (1917). *Linguistic change: an introduction to the historical study of language*. Chicago: University of Chicago Press.